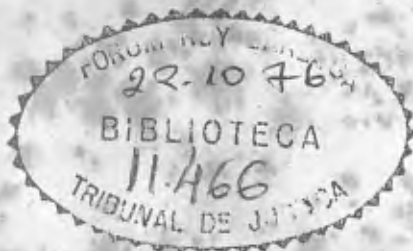


CARLETON SPRAGUE SMITH

OS
LIVROS NORTE-AMERICANOS
NO PENSAMENTO DE
RUI BARBOSA

SEPARATA DAS "PUBLICAÇÕES DA CASA DE RUI BARBOSA"

(CONFERÊNCIAS, II)



1945
IMPRENSA NACIONAL
RIO DE JANEIRO — BRASIL

TOMBO 0006785

3727



308
8644

CATALOGO 006787

**OS LIVROS NORTE-AMERICANOS
NO PENSAMENTO DE RUI BARBOSA**

Conferência realizada na *Casa de Rui Barbosa*,
a 1 de março de 1944,

por

CARLETON SPRAGUE SMITH,
Da Biblioteca de New-York

OS LIVROS NORTE-AMERICANOS NO PENSAMENTO DE RUI BARBOSA

Rui Barbosa é, sem dúvida, uma das figuras mais extraordinárias do Brasil. Ao meu ver, o grande estadista representa para a sua pátria o mesmo que Thomas Jefferson para os Estados Unidos. Ambos advogados liberais, baseando as suas doutrinas em teorias humanísticas, ambos dominando diversos idiomas, lutaram com igual fervor pelos Direitos do Homem. Reformadores entusiastas, participaram da campanha da abolição do cativeiro e deram sempre o seu apoio irrestrito à forma de governo democrático. Do nosso ponto de vista, torna-se muito significativo o fato de que cada um destes homens haja reunido para si uma grande biblioteca. Os ambientes em que cresceram estas duas figuras, separadas no tempo por quase um século, e criadas em regiões diferentes, pouco tinham de comum, mas, apesar desse fato, não creio que esta comparação seja forçada.

Na minha palestra desta tarde tratarei de livros, e é por esse motivo que a pretendo iniciar com a pergunta: onde adquiriram eles os seus livros estrangeiros?

Jefferson comprava-os em Londres e Paris e deixou nas contas minuciosas das suas aquisições uma idéia geral dos fins que uma biblioteca deve preencher. Ao cabo de sua vida, tinha mais de dez mil volumes, incluindo obras científicas, literárias e históricas, e quando os livros pertencentes ao ilustre estadista americano foram transferidas para a Biblioteca do Congresso de Washington, houve necessidade de vinte carroças para se efetuar a mudança.

Qual o método que Rui Barbosa empregava para adquirir os seus livros? Muitos foram comprados na Livraria Brigueit, no Rio de Janeiro, mas é evidente que negociava também diretamente com as grandes livrarias estrangeiras. Às vezes procurava o

concurso e o auxílio de seus amigos. Eis um trecho característico de uma carta enviada por Joaquim Nabuco ao colecionador: "Mande para Nova York, ao Consulado, para lhe serem expedidos, dois pacotes, contendo um as leis de Massachusetts e outro uma obra — *The American Statute Law* e um livro de John F. Dillon. Encomendei que lhe mandassem, mas não sei se chegarão a tempo para apanhar o vapor de 5, os Códigos da Virgínia e Alabama. O seu segundo telegrama restringiu muito a ordem, mas não creio que eu adiantasse mandando mais do que estes livros".

Rui sabia exatamente o que queria e a sua biblioteca foi uma lenta estratificação de anos de trabalho, resultando num total de trinta e cinco mil volumes. Costumava indicar nas listas que encontrava nos livros que recebia, quais os volumes da mesma editora que desejava adquirir. Não adotou, porém, o sistema super-metódico de que se valia Jefferson, isto é, o preparo de longas listas e catálogos. A verdade é que Rui desdenhava semelhantes formas de auxílio. Certa vez, exprimiu-se nos seguintes termos: "Quando precisar de catálogo, não precisarei mais de livros".

*
* *
*

E' bastante curioso o fato de que o seu interesse pelo estudo das humanidades e do direito o houvesse conduzido para os Estados Unidos. Grande número de brasileiros com os mesmos penhores deixaram-se influenciar quase exclusivamente pela Itália e pela França, familiarizando-se profundamente com a cultura desses países, se bem que muitos dentre eles nunca chegassem a visitar a Europa. Entretanto, vemos Rui, na segunda metade do século dezenove, sofrendo a influência intelectual daqueles Estados Unidos tão "materialistas". Este fato é deveras grato a todos os norte-americanos, e assim é com calor que acolhemos o jurista, estadista e homem de letras, o eminente orador brasileiro, Rui Barbosa, uma das figuras mais simpáticas da grande República irmã.

Numa carta dirigida a Joaquim Nabuco em 22 de julho de 1906, Rui explica esta afinidade com os Estados Unidos. Diz ele: "Ninguém terá por aquêlê país maiores simpatias que eu.

Comecei a conhecê-lo e a querer-lhe, quando eu e V. éramos estudantes, na época da guerra separatista (1861-1865), pelos livros de meu Pai, que se sortia de tôdas as obras sôbre a grande nação e a sua luta. De modo que a minha admiração da maravilhosa República norte-americana precedeu a minha admiração para com a Inglaterra, na qual depois se absorveram as minhas tendências e os meus estudos. Com a nossa revolução de 89 êles voltaram aos Estados Unidos. Já vê que o aplaudo na sua campanha pela conquista dessa amizade”.

O primeiro livro americano que encontrei na biblioteca de Rui data de seus tempos de estudante no Recife. Leva-os ao volume de Kidder e Fletcher: *O Brasil e os Brasileiros*. No livro encontra-se a seguinte dedicatória: “A meu querido Pai — em sinal de lembrança — Recife, 11-XI-1867”. Tendo apenas dezoito anos, Rui já se interessava pelas observações que os dois protestantes americanos faziam sôbre o Brasil.

O gosto pela leitura devia ser grande na casa paterna, pois quando o jovem estudante chegava a São Paulo, no ano seguinte, “os seus caixões de livros chamavam a atenção dos colegas de viagem”.

Outra manifestação do seu interesse pelos Estados Unidos foi amplamente demonstrada na ocasião em que Rui, terminando o seu curso, presenteou o seu progenitor com um volume de O. E. Brownson, *A República Americana*, traduzida para o francês pelo Conde de Lubersac, e assim dedicando-lho: “Ao meu querido Pai, mesquinho, mas singelo penhor da mais profunda gratidão filial, no dia do meu grau, 28 de outubro de 1870”. Esta sentimentalidade que Rui evidencia, oferecendo livros a seu Pai, é um dos aspectos característicos que nô-lo tornam tão simpático.

Entre os primeiros livros norte-americanos desta biblioteca, e que o influenciaram, encontramos os *Ensaio*s de Emerson, numa edição de 1866. Neste, como em outros volumes dos tempos de estudante, verificamos que Rui sublinhou inúmeros trechos, chegando mesmo a traduzir certas palavras. Num capítulo sôbre os traços característicos dos inglêses, encontramos as seguintes traduções escritas por cima do original inglê: *Bo-peep* — namorar; *make-believe* — impostura; *pestered me* — atormentou-

-mer: *freak* — extravagâncias; *quackery* — charlataria; *itch* — sarna; *dunce* — asno.

Torna-se evidente que Emerson foi um dos primeiros escritores americanos cuja obra Rui Barbosa veio a conhecer, e não poderia ter escolhido outro melhor. Sentimos muitas vezes necessidade de perguntar a nós mesmos como foi possível a um homem tão ocupado como era Rui, estando constantemente empenhado na vida pública, ainda encontrar tempo para se dedicar à leitura. A resposta acha-se em parte revelada numa citação dos *Diários* de Emerson, e que mais tarde Rui assinalou: "Na manhã, solidão", disse Pitágoras; e Emerson acrescenta: "De qualquer maneira, é preciso deixar o jovem num ambiente solitário, a fim de que a natureza possa inspira-lhe a imaginação, como nunca o faria se estivesse acompanhado. Pelo mesmo motivo, dê-se-lhe um quarto isolado, pois foi esta a melhor coisa que encontrei na Universidade".

Rui costumava dedicar-se a estes períodos de solidão pela manhã, tirando dêles o melhor proveito.

*

*

*

Tenho tido grande prazer em percorrer a biblioteca do enérgico democrata, e, durante as horas aqui passadas, recordei-me de muitas coisas sobre meu país, e que havia esquecido, e descobri outras novas que jamais soubera. Quero, sobretudo, agradecer aos Srs. Homero Pires e Américo Lacombe as muito valiosas sugestões com que me auxiliaram nesta tarefa. Encontrei inúmeros livros clássicos, assim como outros menos conhecidos. Por exemplo, de Barrett-Wendel, *A França de Hoje*; um livro sobre *bungalows*; o volume de Brook Adams, *A Teoria das Revoluções Sociais*, e até uma autobiografia de um tio meu, Everett Wheeler, advogado e figura política de menor importância na luta contra a corrupção da política no Estado de Nova York.

Os gostos de Rui Barbosa eram bastante originais, mas era um intelectual fora do comum, e até um historiador norte-americano poderia vangloriar-se de possuir conhecimentos tão profundos sobre os Estados Unidos como eram os dêles. Era perfeito e completo no seu modo de pesquisar. Ia diretamente às fontes e origens para colher o seu material.

Em 1919, quando candidato à Presidência do Brasil, fez um discurso em São Paulo, que se tornou famoso pelo ataque dirigido aos diletantes de americanismo: "Eu não contendo em americanismo com quem quer que seja... Essa gente não sabe mais das instituições americanas, do espírito americano, das idéias americanas que das idéias, do espírito, das instituições brasileiras".

Em seguida, falando da sua "intimidade com o gênio do povo norte-americano", acrescenta: "Ele se me entranhou por uma sobre-saturação de idéias, lições e experiências americanas, que envolve cinquenta anos de uma educação pelo contato intelectual com a história, as leis, a jurisprudência, a política e a literatura dos Estados Unidos".

As distinções que Rui faz dos seus estudos norte-americanos são, em linhas gerais, aquelas que desejo agora expor, separando as instituições, o espírito e as idéias do meu país em seis partes:

I) Rui, o intelectual e historiador, — indicando a sua surpreendente familiaridade com a história americana.

II) Rui, o advogado e jurista, — chamando a atenção para o homem que conhecia as bases teóricas do governo americano e de seus tribunais de justiça como poucos entre os meus patrícios as conhecem.

III) Rui, o reformador, o combatente, lutando contra a escravidão e a favor do *habeas-corpus*, da reforma das leis do trabalho e da educação.

IV) Rui, o estadista, autoridade em direito internacional, o romântico, preocupado de "homens representativos".

V) Rui, o homem de letras, — verificando que, embora a sua propensão pela literatura fôsse secundária, inclinando-se principalmente para as questões e os problemas sociais, tinha de fato um contato bastante profundo com as grandes obras literárias.

VI) Rui, o jornalista, interessado e entendido em diversos assuntos, demonstrando sempre uma curiosidade enciclopédica e uma insaciável vontade de saber.

Como Jefferson, tinha Rui um caráter universal. Suas cogitações humanísticas quase não conheceram limites. Nos dias que correm, talvez dissêssemos não ser ele bastante especializado.

Era, porém, um dêsses raríssimos individuos que podem ser aceitos como autoridade em muitas matérias.

*
* *
*

I — Comecemos a análise de sua biblioteca do ponto de vista da história. Salvador de Mendonça, Ministro do Brasil nos Estados Unidos, colecionou grande número de livros, chegando, mesmo, a traduzir um ou dois romances americanos editados por Garnier nos princípios dêstes século.

Em 15 de dezembro de 1890, ofereceu a Rui a monumental edição em dez volumes da obra de Benjamin Franklin, editada por Jared Sparks, e dedicando a mesma "Ao fundador das Finanças da República Brasileira".

Não é difícil se acharem os trechos que mais impressionaram ao colecionador brasileiro, pois, como já disse, êle costumava sublinhar bastante e comentar certos parágrafos que o agradavam. No quarto volume, por exemplo, anotou as frases satíricas de Franklin, escritas quando êste se encontrava em Londres, e dirigida aos membros conservadores do Parlamento, sob o título: *Regras para reduzir um Grande Império a um Pequeno Império*. São estas: "Apesar da attitude pacifica que vossas colônias adoptam, submetendo-se ao vosso govêrno, mostrando seu cuidado pelos vossos interêsses, aceitando com paciência certos dissabores, deveis julgá-las *sempre prestes a se revoltarem*, e deveis portanto tratá-las de maneira conveniente. Deveis aquartelar entre elas tropas que, pela sua insolência, virão a provocar incidentes entre a multidão, e cujas balas e baionetas acabarão por subjugar as massas. Assim, como o marido que maltrata sua mulher porque desconfia de sua fidelidade, vereis com o tempo transformar-se vossa suspeita em realidade".

Entre os historiadores que Rui Barbosa escolheu, encontramos: Irving, representado pela sua biografia de George Washington; Justin Winsor, cuja *História Narrativa da Nova Inglaterra* é uma obra fundamental, e outros escritores de destaque, como Bancroft, Motley, Parkman e Prescott, todos historiadores e escritores clássicos.

Rui também conhecia minuciosamente os escritos dos grandes fundadores da república estadunidense, homens como John e Sa-

muel Adams, Jefferson, Hamilton e Madison. Vemo-lo, por exemplo, a sublinhar a seguinte frase dêste último: "Uma república é uma forma de governo em que todo o poder deriva direta ou indiretamente da grande massa do povo". Eis o que Rui queria na sua terra.

Rui, entretanto, não fazia restrições no que diz respeito aos historiadores clássicos. Mantinha-se a par de tudo quanto houvesse de mais moderno em sua época. Comprou seis livros de Henry Adams, entre os quais a célebre crítica sobre *A Degradação da Idéia Democrática*, editada pelo irmão do autor em 1920.

E' natural que se encontrem aqui trabalhos de Woodrow Wilson, e o ilustre estadista brasileiro conhecia bem a célebre *História do Povo Americano*.

Entre os inúmeros historiôgrafos americanos, surgem dois que se destacam pela sua franqueza e pela maneira realista por que narram os fatos. São êles J. B. MacMasters, cujo artigo, *A Depravação Política dos Fundadores da República*, na revista *The Atlantic Monthly*, pareceu diverti-lo, e Charles Beard, que escreveu vários livros sobre a egoística política econômica dos governos dos Estados Unidos. Verifica-se, por exemplo, que Rui sublinhou diversos trechos sobre a perversão do cargo presidencial.

Em resumo, pode dizer-se que Rui Barbosa estava a par dos defeitos da sociedade americana, mas a apreciava, apesar dêsses defeitos. Qualquer pessoa nascida no sul dos Estados Unidos veria com simpatia a sua dedicação ao estudo do movimento da Secessão, e nota-se que êle leu, e em várias ocasiões cita, a obra de Jefferson Davis, *Formação e Queda do Governo Confederado*. Esta obra é de especial interêsse, visto o seu autor ser, como muitos devem saber, o Presidente da Confederação e o grande rival de Lincoln.

*

*

*

II — Em seguida, chegamos a outro Rui — o advogado e o constitucionalista, isto é, o perito em leis e jurisprudência. E' de fato surpreendente o seu conhecimento da legislação americana. Era um assunto que o deliciava e que muito auxilia a explicação de toda a sua filosofia política.

O mais alto tribunal dos Estados Unidos era para êle, talvez, a maior realização do govêrno americano. Encontramo-lo, por exemplo, citando Charles Evans Hughes: "A Côrte Suprema continua a ser geralmente o fator mais valioso da organização estatal americana e o mais perspicaz expositor da opinião pública ulterior".

Assinala em Edward Evereth: "Não sei o que outros pensarão do assunto, mas, para mim, Senhor, direi que, se todos os trabalhos, sacrifícios e desperdícios de fortuna e sangue, desde o primeiro desembarque, em Jamestown ou Plymouth, não nos tivessem dado outra coisa senão a Côrte Suprema dos Estados Unidos, êste respeitável Tribunal para a solução das disputas internacionais (pois êsse título lhe é devido), ainda assim eu diria que os sacrifícios não foram em vão".

Numa conferência lida em 20 de novembro de 1919 no Teat-ro Lirico sôbre a *Questão Social e Política no Brasil*, Rui elogiou a jurisprudência americana: "As decisões americanas, que têm anulado por inconstitucionalidade leis estaduais e federais desta natureza, tôdas se estribam na liberdade constitucional de contratar e no direito de propriedade". E, como êsses direitos se acham protegidos, assim pelas constituições estaduais como pela constituição federal, as leis restritivas do trabalho, estando em conflito com êsses direitos, em conflito hão de estar com essas constituições. Por isso, anuladas têm sido ali muitas vêzes".

Os gostos do colecionador desta biblioteca eram de tal modo generalizados e ilimitados, que não me é possível acudir a todos durante esta conferência.

Apreciava declarações como esta, de Bryce, no livro *The American Commonwealth*: "A Constituição mantém o Presidente longe desta cidadela (o contrôle das finanças), dando unicamente ao Congresso o direito de levantar fundos. O cesarismo é o menor dos riscos em que incorrem os Estados Unidos. Em nenhum país se encontra uma ordem civil mais estável. Em nenhum país se encontra maior opposição ao espírito militarista".

Um dos contatos mais simpáticos que Rui estabeleceu com os Estados Unidos foi por intermédio de Joaquim Nabuco. E veio também a conhecer na Côrte de Haia a James Brown Scott, Joseph Choate e outras figuras destacadas do ambeinte juridico norte-americano. Em carta dirigida a Rui, em 3 de agôsto de

1908, o Embaixador brasileiro discute diversos pontos legais, indicando o quanto Rui estava familiarizado com certos promenores: "Hamilton, Mass. Meu caro Rui: . . . Como V. melhor sabe do que eu, aqui não há Códigos no sentido que a palavra tem fora do mundo anglo-saxônio. O espírito dêste povo é refratário à idéia de codificação. E' para nós, me dizia um americano anteon-tem, *unthinkable*. O que há é compilação das leis tanto da União como dos Estados. Com os dois chamados Códigos de Alabama e da Virgínia, V. terá uma idéia, que estou certo já tem completa, suponho que V. sabe tudo, do que são os Códigos neste país. Mando-lhe as leis de Massachusetts, porque o seu grande espírito tirará delas muita coisa que se adapte ao nosso Código e dilate o campo dêle muito além dos limites dos Códigos Civis europeus. Sendo Massachusetts o Estado mais culto da União, pensei que devia escolher êsse, apesar de não ter a publicação o título de Código. Diversos Estados têm dado o nome de Código a puras compilações das leis feitas por êles, com exclusão da jurisprudência antiga, que é a única do país. . . Não lhe escrevo mais vêzes, meu caro Rui, porque V. não me responde, o que attribuo aos seus imensos trabalhos. *Joaquim Nabuco*".

Sintetizando os ideais jurídicos de Rui, seria talvez útil citar um trecho do discurso proferido na Faculdade de Direito de São Paulo, em 17 de dezembro de 1909: "A salvação dos Estados Unidos está na divina grandeza da sua justiça. A América anglo-republicana se desvanece de ser um país regido pela magistratura, "a judge ruled country". Ali tem uma realidade literal o "judicial rule", o predomínio dos tribunais. A "suprema lei do país" são os arestos da Côrte Suprema. Aquela extrema democracia faz honra de se chamar "uma aristocracia da toga". Segundo as conjecturas e os tempos, ora sobressaem ali as feições de um governo presidencial, ora as de um governo congressual. Mas a barreira às intrusões da presidência, a estacada contra as usurpações da legislatura consiste nesse poder, que não governa, mas se impõe, mediante a soberania da sua majestade moral. Graças a êle, resiste aquela nação à violência dos seus partidos, à corrupção da sua política, ao gigantismo da sua fortuna".

III — Não seria possível esboçar-se um perfil de Rui Barbosa sem se salientar o aspecto de Rui, o reformador. Durante toda a sua vida, dedicou-se a problemas sociais. Em ordem cronológica, está em primeiro lugar a abolição da escravidão. O movimento abolicionista no Brasil já era antigo, mas não foi senão em 1880 que realmente ganhou ímpeto. Em 1885, Rui pronuncia três discursos, dando seu pleno apoio ao movimento, e, dois anos mais tarde, veio a sua célebre conferência sobre *A Abolição no Brasil*. A coleção de livros que Rui reuniu sobre esse assunto contém muitas obras de grande valor.

Estudou minuciosamente a obra clássica de Henry Wilson, *História da Formação e Queda do Domínio Escravo nos Estados Unidos*, trabalho em três volumes, publicado em Boston entre 1872 e 1877. Encontra-se aí a citação de George Mason, escritor do 18.º século, nos seguintes termos: "A escravidão desalenta artes e indústrias... Os pobres odeiam o trabalho dos escravos. Impede a emigração dos homens brancos, que realmente contribuem para o enriquecimento e o fortalecimento de um país. Produz os mais perniciosos efeitos nos costumes: todo patrão de escravos é de nascimento um tirano mesquinho. Sujeita o país ao castigo de Deus. E, num círculo vicioso de causas e efeitos, a Divina Providência castiga pecados nacionais com calamidades nacionais".

Rui conhecia também a diatribe de Jefferson contra a escravidão, de "que uma só hora de cativeiro para um escravo é carregada de mais maldade que todos os séculos de opressão britânica, contra a qual se revoltaram os nossos Pais durante a Revolução".

Mostra interesse por uma referência à escravidão no Brasil no livro de J. D. Cairnes, *O Poderio dos Escravos, seu Caráter, sua História e suas Possíveis Intenções, Tentativa para Explicar os Verdadeiros Fatores da Luta Americana*, obra que foi publicada em Londres em 1863.

Cairnes realmente servia-se de um trecho, que apareceu na *Revue des Deux Mondes*, de 15 de julho de 1862. E' este: "No Brasil, os patrões tomam o cuidado de evitar que sejam exigidos de seus escravos trabalhos agrícolas que requeiram a inteligência e a versatilidade, só encontradas entre os homens livres. Sabem

como por instinto que para a cultura do trigo, do milho; das inúmeras raízes e plantas que constituem a flora agrícola, é necessária a cooperação de muitas inteligências, hábeis para prever e rápidas para resolver... Assim é que os cultivadores empregam seus negros exclusivamente na produção de determinadas mercadorias e só podem tornar lucrativa esta mão de obra mantendo uma rotina invariável”.

Rui apreciava a conhecida frase de Bigelow: “Não existe o menor fundamento para provar que o negro tenha maior antipatia natural pelo trabalho do que qualquer outro ramo da família humana”.

Possuía também os livros — *O Futuro do Negro Americano* e *Surgindo da Escravidão*, ambos escritos por Booker T. Washington, o célebre escravo emancipado. Aliás, tal era o desvêlo de Rui pelas minúcias, que havia adquirido certas obras especializadas, como, por exemplo, *O Negro em Maryland*, escrito por Jeffrey Brackket e publicado em Baltimore, em 1889.

Rui cita ainda os mais famosos discursos dos abolicionistas dos Estados Unidos, e, dêles, a bela frase de Frederico Bromer: “A sorte do negro é o romance da nossa história”. Em outra ocasião, o orador bradou: “Diante da calúnia consciente vibrada por adversários ignóbeis, nós poderíamos exclamar como Wendell Phillips, lembrando a guerra de afrontas que envolvia os abolicionistas americanos durante a época da provação da grande causa: “Gênio do passado”, dizia êle, “não deixes apagar das tuas tabelas nenhum dêsses apelidos de honra. Nós prezamo-los como os títulos mais seguros ao reconhecimento do gênero humano”.

Como já foi repetido em diversas ocasiões, Rui foi o defensor dos Direitos do Homem. Êstes direitos, a sua dignidade e o seu espírito, constituíam coisas de suprema importância para o grande liberal, e temos aí a explicação para a sua atitude diante da escravidão, os direitos do trabalho e o *habeas-corpus*.

Na conferência realizada em 20 de março de 1919, fala do trabalho e da escravidão, e cita Lincoln, a fim de defender a sua própria posição: “Lincoln não era um demagogo, não era um revolucionário, não era um agitador popular. Era o Presidente da grande República norte-americana durante a mais tremenda crise

da sua história; e o consenso geral da posteridade o sagra, hoje, como o maior gênio de estadista que a tem governado. Pois Lincoln, senhores, não duvidava reivindicar, numa das suas mensagens ao Congresso Nacional, em dezembro de 1861, a preeminência do trabalho aos outros fatores sociais. "O trabalho" — dizia ele — "precede ao capital, e dêste não depende. O capital não é senão um fruto do trabalho, e não chegaria nunca a existir, se primeiro não existisse o trabalho. O trabalho é, pois, superior ao capital, e merece consideração muito mais elevada". Expressando este sentir, muito mais generalizado atualmente no seio dos Estados Unidos que há sessenta anos, quando o grande homem de Estado o enunciava de tão alto, Lincoln falava como quem aprendera a conhecer o trabalho, arcando com o seu maior inimigo, a propriedade servil. Foi aí, foi nessa rude escola, foi com essa experiência dolorosa, que também aprendemos a estimá-lo e a amá-lo os abolicionistas brasileiros".

A todo instante, o estudioso se impressiona com a inteireza das pesquisas de Rui. Raramente tratou um tema de maneira superficial. Poderia dizer-se que depositava uma fé excessiva nos livros, deixando, assim, de aprender as lições da vida. São raros, porém, os estadistas do 19.º século que o ultrapassem como estudioso e intelectual.

*

*

*

Rui, porém, conhecia os perigos do governo americano e a necessidade de certas reformas nos Estados Unidos. Sobre este problema possuía e havia lido o livro de Franklin Pierce, *Usurpações Federais*, que constitui uma severa acusação aos tribunais americanos, enquanto o próprio título da obra de Allan Benson, *Nossa Constituição Desonesta*, indica o seu próprio conteúdo. Nesse livro, publicado em 1916, Benson clama contra os fundadores do governo nos seguintes termos: "Não houve uma única ocasião, durante as sessões da Convenção, em que tivesse sido ouvida a voz da grande massa do operariado. Quando eram debatidos os interesses da classe dos ricos e dos pobres — e quase não se discutia outro assunto — fazia-se ouvir apenas a voz dos ricos. Isso tudo tende a explicar porque é tão difícil extrair um

“governo pelo povo e para o povo” de uma constituição feita pelos ricos para os ricos”.

Uma das figuras mais notáveis do século dezenove nos Estados Unidos foi Henry George, criador do plano do impôsto único. Rui havia adquirido dez de suas publicações, algumas dentre elas em português, e parece ter tido grande admiração pelo reformador, que tanto influenciou o partido trabalhista na Grã-Bretanha em princípios dêste século. E' curioso, porém, que, contrariamente ao que supúnhamos, não possuísse o livro de Edward Bellamy, *Daqui a Cem Anos*.

A educação americana como problema social, e os benefícios que ela conquistava, naturalmente atraíam o interêsse do autor da *Reforma do Ensino Primário* e membro ativo da Comissão de Instrução Pública da Câmara dos Deputados do Império.

Esta preocupação era tão sincera, que chegou a ponto de traduzir em 1886 o trabalho de N. A. Calkins, *Lições de Coisas*. Este volume de Calkins, que havia sido superintendente das escolas primárias da cidade de Nova York, alcançara enorme êxito na Exposição de Filadélfia, em 1876, e Rui, orgulhosamente, se referiu ao juízo da comissão francesa de instrução primária: “À M. N. A. Calkins se deve a melhor coleção de lições de coisas de que há notícia”. O brasileiro foi generoso nos seus elogios ao livro, dizendo que “esta obra corresponde às exigências do método intuitivo”.

Rui defendia a igualdade dos sexos perante o trabalho: “A desigualdade entre os dois sexos era, sobretudo, um dogma político. Mas da política já êle desapareceu, com a revolução que introduziu de uma vez no eleitorado britânico seis milhões de eleitoras, que, nos demais países, onde a civilização põe a sua vanguarda, tem elevado a mulher aos cargos administrativos, às funções diplomáticas, às cadeiras parlamentares e, até, aos Ministérios, como, em alguns Estados da União Americana, há muito já se costuma”.

Rui sempre se manifestou a favor da liberdade de opinião. Acreditava que essa liberdade existia em grau muito mais elevado nos Estados Unidos que no Brasil e, em memorável discurso, pronunciado em 2 de março de 1919, declarou: “Já vos constou que algum candidato a um governo de Estado, ou ao

governo do país, descesse a vir conversar com os seus eleitores, da matéria que lhes interessam, das suas idéias e tenções, dos seus direitos e compromissos, das suas responsabilidades e garantias”?

*

*

*

IV — Rui atingiu seu apogeu como estadista, advogado do direito internacional e idealista. O homem que criou para si tamanha glória na Côrte de Haia foi, em seguida, convidado a fazer uma série de conferências sôbre *As Responsabilidades do Direito de Cidadão* na Universidade de Yale. Foi uma homenagem sincera, mas, infelizmente, por motivos de saúde, Rui viu-se obrigado a recusar o honroso convite.

Elihu Root, então Secretário de Estado, dirigiu-se por carta a Nabuco, dizendo a respeito dessa escusa: “Realmente, lamento profundamente que êle se tenha negado, não sòmente porque teria tido grande prazer em lhe apresentar os meus amigos de Yale, vê-lo fazer dêles seus amigos também, como por causa de interêsses mais vastos, que são tão caros a ambos nós”.

Mais tarde, as conferências foram feitas pelo próprio Secretário de Estado norte-americano e Rui colocou em sua biblioteca um exemplar das mesmas, junto com sua tradução em português, feita por sugestão de Nabuco. Êste, em carta de 22 de outubro de 1907, informa a Rui que “o Casarus traduziu as conferências de Root em Yale”. E a seguir: “Vou pedir-lhe que lhe mande um exemplar. Fui eu que lhe sugeri esta idéia, como também pedi a V., mas V. tem que trabalhar nas suas, que espero serão um grande sucesso”. E’ curioso que na biblioteca de Rui se encontre o exemplar de *A Ingerência do Cidadão no Governo*, de Root, o qual, de fato, foi oferecido ao Barão do Rio Branco.

A Conferência de Haia proporciona a Rui ocasião para dar publicidade às suas teorias sôbre as relações internacionais, das quais um dos corolários era o Pan-Americanismo e a doutrina de Monroe. Rio Branco, no famoso artigo assinado sob o pseudônimo de *J. Penn*, procura fazer a defesa desta doutrina, e não resta dúvida alguma que ela pode ser defendida sob diversos pontos de vista. Por outro lado, Rui admitia que a doutrina

havia sido invocada para esconder inúmeros erros. Entre os livros que discutem este assunto não devemos deixar de mencionar *La Doutrina de Monroe*, de Maurice de Beaumarchais, publicado em Paris, em 1898; a obra de Hiram Bingham, *A Doutrina de Monroe*, o *Lema Arcaico*; a de Albert J. Benton sobre *O Direito Internacional e a Diplomacia na Guerra Hispano Americana* e a biografia de James Monroe, por Daniel C. Gilman, na qual Rui sublinhou um trecho da carta histórica, escrita por Thomas Jefferson a William Short: "Os princípios fundamentais da sociedade aí (na Europa) e aqui são radicalmente opostos e espero que nenhum patricio americano jamais perderá de vista a política essencial de evitar nos mares e territórios de todas as Américas os ferozes e sangrentos combates da Europa. Desejo ver o princípio desta aliança".

No livro de T. B. Eddington, *A Doutrina de Monroe*, publicado em Boston, em 1905, Rui marcou o capítulo — *A Alemanha e o Brasil* — capítulo que naturalmente o comoveu.

Um dos volumes mais interessantes da coleção sobre este assunto é o de Hugo Muensterberg, intitulado — *Os Americanos*. Na folha de guarda, no princípio do livro, encontra-se a simples dedicatória: "A Rui Barbosa, Joaquim Nabuco. 27, VII, 1906". Nesta obra, o devoto alemão, discutindo os problemas externos da América, escreve que se deve acabar com a doutrina de Monroe, para permitir que a Alemanha colonize o Brasil. Rui marca este trecho que agora lhes vou ler; mas o fez sem acrescentar qualquer observação: "Se os países europeus tivessem colônias na América do Sul, como têm em África, não haveria maior razão para queixas ou descontentamentos contra os Estados Unidos, do que as já existentes por causa daquelas". Depois, procura, de modo pouco astucioso, esconder seu pensamento: "Chegou uma nova era; a limitação da doutrina de Monroe não poderá mais ser útil aos Estados Unidos como poder mundial, e os acontecimentos seguirão seu rumo lógico... Não demorará muito para que a pátria da bandeira estrelada e listrada se estenda através do Canadá ocidental até o Alaska, e anexe, ao sul, toda a América Central; enquanto isso, pelo contrário, nas repúblicas da América Latina se encontrarão colônias inglesas, italianas, francesas e alemãs". (Note-se como o escri-

tor inclui aí os outros três países, para esconder as aspirações alemãs). "Além do mais, com o desvanecimento da doutrina de Monroe, estas mesmas repúblicas terão adotado um padrão de leis e de ordem, de progresso e de economia sã. Os Estados Unidos são demasiadamente retos e idealistas para continuar a negar as exigências do progresso por causa de um mero feitiço".

O internacionalismo de Rui ficou estabelecido na Segunda Conferência da Paz. Escrevendo em 1908 dos Estados Unidos, Nabuco declara ao jurista brasileiro que "tem-se discutido muito a Haia nas revistas americanas e naturalmente muito também o princípio da igualdade das nações". E mais: "V. fez um nome, e em parte alguma é mais admirado do que aqui".

No que diz respeito à conservação da paz mundial, parece ter estudado em 1914, anteriormente à declaração de guerra, o livro de Sinclair Kennedy, que antecipava a obra de Clarence Streit — *União Agora*. A publicação de Kennedy, sob o título de *The Pan Angles — Os Pan-Anglos*, propõe "a construção de uma federação dos sete povos, cujo idioma nativo fôsse o inglês". Rui abre uma chave com tinta vermelha ao lado do seguinte trecho: "Pode atribuir-se a Benjamin Franklin a iniciativa de ter sugerido a tese que apresentaremos nestas páginas, pois já em 1754 êle previa a necessidade de um único governo, baseado na representação de ambos os grupos americanos e britânicos de indivíduos livres, cujo idioma nativo fôsse o inglês".

Como estadista, Rui interessava-se por *homens representativos*. No volume de *Ensaíos* de Emerson, que apareceram com êsse título, nas suas diversas edições e versões (entre estas uma em italiano), vêm-se sinais de que Rui os folheou inúmeras vezes.

Sua coleção de biografias e obras de americanos célebres é extraordinariamente completa, chegando mesma a deixar o estu-
dioso boquiaberto.

Como romântico, apreciava Thomas Carlyle, autor de *Heróis* e *Hero-worship*. Como democrata, porém, preferia o título — *Homens Representativos*, de Emerson, ao termo mais aristocrático de *Heróis*.

As frases que marcou e que se referem a famosas figuras americanas agradariam a qualquer de meus patricios. Por exemplo, êste juízo sobre Lincoln: "Era um mestre da lógica — aquê

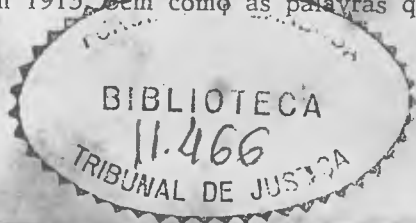
resultado inevitável do confronto da inteligência e da sinceridade. Era franco, e com sua franqueza freqüentemente enganava os falsos”.

Rui conhecia bem tôdas as biografias dos Secretários de Estado. Quantos americanos poderiam fazer a mesma afirmação sôbre os seus estadistas patrícios, quanto mais aquêles do Brasil? Citava os nomes dos homens que ocuparam diversos cargos em épocas diferentes, ao mesmo tempo que podia a seu respeito fornecer dados biográficos pormenorizados. Em 1906, em carta a Rui, sôbre a visita de Elihu Root ao Brasil, a quem aquêle deveria fazer a saudação do Senado Brasileiro, disse Nabuco: “O cargo de Secretário de Estado é um cargo de que o povo americano tem tanto orgulho e zêlo como da própria presidência. Lembre-se de Henry Clay recebendo a Lafayette no Congresso Americano quando êste voltou em 1824 (?) aos Estados Unidos. Desta vez é a Nação Americana que visita, pela primeira vez, a outra parte do continente americano, a América Latina. Não é por mim, que lhe peço isso: é pelo Brasil, e é por V.”.

As figuras do passado exercem forte influência sôbre Rui. Mas, apesar disso, êle se preocupava tanto dos seus contemporâneos quanto dos mais próximos. Encontram-se na sua biblioteca as obras de Teodoro Roosevelt, entre as quais uma tradução, em português, da *Vida Intensa*, oferecida a Rui pelo tradutor, Amos Post, um indivíduo curioso, que morava em São João de Boa Vista: “Ao distinto brasileiro de *vida estrênu*a, Exmo. Sr. Conselheiro Dr. Rui Barbosa, oferece o tradutor”.

Entre os dezoito volumes dos livros de Woodrow Wilson, encontra-se a famosa declaração de guerra, que termina com uma paráfrase de Martim Lutéro: “Para tal empreendimento, dedicaremos as nossas vidas e as nossas fortunas, tudo o que somos, tudo quanto temos, com o orgulho de todos, de que é chegado o dia em que a América vai desfrutar do privilégio de poder derramar o seu sangue e utilizar o seu poderio em favor dos princípios a que ela deve o seu ser, à felicidade e à paz que ela tem entesourado. Deus a ajudará”. E terminou assim: “Ela não pode fazer outra coisa”.

A saudação que Rui fêz ao Secretário de Estado Root, e a Robert Bacon, sucessor dêste último, na ocasião das suas visitas ao Brasil, em 1913, bem como as palavras que dirigiu a Charles



Evans Hughes, que visitou o Brasil em 1922, são tôdas homenagens sinceras ao espírito das relações interamericanas.

Mas, ao mesmo tempo, Rui raramente perdeu de vista a justa proporção da importância de cada indivíduo. Não deixa de ter certa graça quando sublinha umas frases de W. E. Chancellor no livro de sua autoria, *Nossos Presidentes e seus Cargos*. "A presidência é um caleidoscópio: todos os que nela surgem são amadores numa profissão que requer pelo menos oito anos de aprendizagem... Somos um sistema de freios e contrapesos, cada autoridade a fiscalizar a outra; e, mais cedo ou mais tarde, a opinião pública impõe-se... A soberania não repousa em lugar nenhum neste país, e, por isso, está em tôda a parte. Tal é a Democracia Americana".

Para terminar esta seção sobre Rui, o estadista, seria talvez interessante recordar o seu discurso sobre política internacional, feito em 1919, quando êle põe em destaque a aproximação americana: "Justamente porque eu a desejo, com tôda a sinceridade, entre o Brasil e os Estados Unidos; justamente porque ninguém, nesta parte do continente, aspira mais do que eu a ver consolidada e desenvolvida uma aproximação dêsse caráter sério e benfazente entre as duas grandes repúblicas dos dois hemisférios americanos, é que eu a defino com êste cuidado, como a expansão de duas independências que se abraçam, sem se diminuírem ou desnaturarem, e não como a capitulação de uma dependência, que se aceita, ante uma absorvência, que se estende".

Não há quem possa negar o que o grande brasileiro era um estadista de primeira ordem.

*

*

*

V — *Literatura* — Devemos recordar que Rui se queixou dos "amadores de americanismo", declarando que havia passado a sua vida no contato intelectual com a história, as leis, a jurisprudência, a política e a literatura dos Estados Unidos.

Mencionei Emerson, figura preponderante da literatura americana, que muito influenciou a formação espiritual de Rui Barbosa, e que lhe fôra sempre um companheiro estimulante. Em certas idéias de Rui sobre a Inglaterra, sente-se, nitidamente, a personalidade do sábio de Concord, como Emerson é conhecido: "A segu-

rança do mundo moderno consiste na estabilidade da Inglaterra. Se os ingleses fossem tão volúveis como os franceses, que confiança haveria? Os ingleses, porém, representam a liberdade. Os ingleses, conservadores, amantes do dinheiro e da nobreza, são, apesar disso, também amantes da liberdade, e a liberdade está garantida em suas mãos, pois são mais fortes do que qualquer outro povo. A nação resiste sempre à ação imoral de seu governo".

Estamos, porém, apresentando Emerson mais como filósofo do que como exemplar das belas-letras. Rui apreciava tanto os seus poemas como os seus *Ensaio*s, porém não se pode dizer que se interessasse muito pela poesia americana, apesar de que possuía a coleção *Poetas da América*, editada por Edmund Clarence Stedman, em Boston, no ano de 1892, bem como as obras poéticas de James Russell Lowell, do ano de 1869, e toda a poesia em dialeto ianque, escrita por Oliver Wendell Holmes. Tem-se a impressão de que Rui, quando lia, tinha como fim apreciar as críticas que seus autores faziam da sociedade e não se entregar com eles à busca da beleza. Mas conhecia bem o terreno, o que nos é indicado pela presença, em sua biblioteca, dos dois volumes de Richardson sobre *A História da Literatura Americana* e as obras de Whitney sobre linguagem. Tinha as traduções em francês e espanhol dos contos de Edgar Allan Poe e Nathaniel Hawthorne. E' curioso, porém, que não se encontre qualquer trabalho de Cooper, nem *A Cabana do Pai Tomás*, de Harriet Beecher Stowe, nem romances de Jack London, Bret Harte, Wm. D. Howells, Frank Stockton ou Henry James. Washington Irving é representado pelas suas biografias e não pelo *Sketch Book*.

A novela americana na biblioteca de Rui tem como seu intérprete principal Mark Twain, cujas obras são encontradas aqui em várias edições, em inglês e francês. De Owen Wister há só *El Pentecostes de la Catástrofe*.

Rui distraía-se muito com as descrições da vida e da sociedade nos Estados Unidos. Ele marcou, por exemplo, esta anedota do livro de Thomas T. Muirhead, *América, País de Contrastes*: "Aceitei com prazer o espírito democrático exemplificado na saudação feita a mim e a meu amigo pelo porteiro do hotel, que se dirigiu a nós como "rapazes". Mas, logo depois, a taça de alegria foi-me arrancada dos lábios ao ouvir esse mesmo porteiro dizer que o outro "senhor" tomaria conta da nossa bagagem".

Se o romancista trouxesse uma mensagem de importância social, era certo Rui ler o seu livro. Vêem-se por exemplo, nas suas estantes, sete dos romances de Upton Sinclair, entre eles *Metrópolis*, *A República Industrial*, *A Selva*, *Rei Midas*, *Sílvia*. Existe na sua biblioteca o romance, *Um País Distante*, do autor americano Winston Churchill, mas é mais provável que Rui tenha adquirido este volume pensando que fôsse escrito pelo ilustre estadista britânico, cujo papel é de tão grande importância no mundo moderno. *A Vida de Theodore Roosevelt* foi escrita por James Morgan, num estilo tão vigoroso, que Rui o leu certamente com deleite, pois poderia quase ser classificado como romance.

Descobri também um livro de Percy Brehner, *O Mestre Detective*, que me fez crer que Rui tivesse gosto pelos escritos policiais.

Em resumo, a sua literatura americana consistia essencialmente em obras de categoria social ou em trabalhos providos de idéias. Mesmo a sua alusão a Longfellow, citado num discurso pronunciado no Liceu de Artes e Ofícios, em 23 de novembro de 1882, indica esta tendência moralista. Falando sobre o fundador do Liceu, ele diz: "Mas a fé não lhe desmaiou, a fé que o poeta de *Evangelina* semelha à "flor da bússola".

★

★

★

VI — Chegamos, por fim, a Rui, o jornalista, o homem que cuidava de quase todos os assuntos possíveis e imagináveis. Há quem o julgue mais capaz como jornalista do que em qualquer outra especialidade. Se fôr essa a verdade, a força da pena jamais foi aplicada com melhor proveito. Destacam-se na livreria de Rui as obras de Benjamin Franklin, que está entre os maiores jornalistas americanos, — esse tipógrafo de Filadelfia, cujo bom-senso estabeleceu o padrão para os jornais norte-americanos, e cujo livro, *O Bom Homem Ricardo*, constitui a primeira crônica americana.

Tudo o que fôsse publicado sobre imprensa era água para o seu moinho. Rui, nas *Cartas de Inglaterra*, cita o comentário que Emerson fez sobre o *London Times*. Tinha grande admiração por publicistas como Horace Grealy, William Lloyd Garrison e Charles A. Dana, todos abolicionistas de destaque.

Possuía biografias de todos êles e interessava-se especialmente pelas suas descobertas de fraudes políticas. A maioria dos jornalistas tem um prazer incomensurável em trazer à luz os erros da sociedade, e os americanos que Rui conhecia não constituíam exceção. No livro de Melville Phillips, *Fazendo um Jornal*, publicado em Nova York em 1893, Rui destaca o "mot" de Horace Greely: "Não há nada de menos importância para um homem público do que aquilo que os jornais disseram ontem a seu respeito; nada de maior importância do que aquilo que dirão amanhã a seu respeito".

Concordava plenamente com o Sr. Phillips que a imprensa "já não é mais a expressão do poder pessoal, mas que o jornal se tornara o professor e chega mesmo a preencher o papel da Universidade".

Outra nota interessante que me revelou o estudo dos livros norte-americanos nesta biblioteca foi um trecho de conversa entre Emerson e Woodsworth, e que Rui sublinhou a lápis azul e vermelho. O filósofo americano havia ido visitar o famoso poeta inglês em sua pequena casa à beira de Rydal Water, e contou, depois, que Woodsworth considerava o Rio de Janeiro o local mais perfeito do mundo para uma capital.

Alegro-me saber, minhas senhoras e meus senhores, que a Cidade Maravilhosa tenha sido de tal modo apreciada por um anglo-saxônio tão ilustre.

Devo confessar que, como americano, me sinto muito lisonjeado pelo interesse que Rui sempre demonstrou pela minha pátria. Esse interesse era sincero, moderado por um espírito crítico honesto diante dos nossos defeitos. Como Jefferson, Rui era uma figura universal, e os livros constituem uma parte integrante de sua vida. Ambos escreveram num estilo que servirá de modelo às gerações futuras. E não me seria possível encontrar melhor maneira para encerrar esta minha palestra do que as próprias palavras de Rui, na sua saudação ao jurista americano Charles Evans Hughes, poucos meses antes de sua morte: "Deixai-me dizer-vos que, durante os últimos quarenta anos da minha longa vida política, eu tenho encontrado nos Estados Unidos os mestres, a escola, o modelo do meu proceder e das minhas opiniões. E, se tenho aventurado alguma vez certas censuras e críticas, é porque os melhores americanos me têm dado, êles mesmos, o exemplo da

franqueza na amizade e da filosofia na política. Nós temos, senhor, numa palavra, o mesmo destino que vós. Nós temos o destino comum aos Estados Unidos, o destino de cooperar convosco, tanto quanto pudermos, na paz e na liberdade das nações, na moralidade da política e no progresso do gênero humano".

1945
IMPrensa NACIONAL
RIO DE JANEIRO — BRASIL

308

11.466

S644

AUTOR Smith, Carleton Sprague.

TITULO Os livros norte-america-
N.º nos no pensamento de Ruy B.

NOME	DATA
<u>Perle</u>	<u>19/4/01</u>

Prove que sabe honrar os seus compro-
missos devolvendo com pontualidade êste
livro á Biblioteca do Tribunal de Justiça

Se, findo o prazo de empréstimo
(2 semanas), o livro não fôr devolvido,
será solicitado.

O prazo acima poderá ser prorroga-
do, por mais uma semana, caso a obra não
esteja sendo procurada por outro leitor.